



# O Gaiato



PORTE  
PAGO

Quinzenário \* 31 de Outubro de 1981 \* Ano XXXVIII — N.º 982 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Aqui, Lisboa!

Reportamo-nos hoje ao terceiro princípio enunciado na declaração da Santa Sé a propósito do «Ano Internacional das Pessoas Deficientes»: «A qualidade de uma sociedade e de uma civilização mede-se pelo respeito que ela manifesta para com os mais débeis dos seus membros».

Infelizmente é uma realidade que os deficientes, sobretudo os mentais, nem sempre são tratados como pessoas e, não raro, são ridicularizados e

até ocasião de grotesco e inconcebível gáudio. Poderíamos apresentar exemplos bem elucidativos, mas cada um poderá encontrá-los na sua própria experiência de vida.

Não basta tratar os deficientes como pessoas. É indispensável ajudá-los a suportar as suas carências ou limitações e ajudá-los a descortinar e a aproveitar as suas potencialidades espirituais e sociais.

Uma visão meramente tecnocrática da existência, onde só

cabem os números, as rentabilidades e os cifrões, deve banir-se, por repugnar à recta razão e aos princípios morais mais sagrados. Pôr de lado, marginalizar ou minimizar os deficientes constitui um tipo de discriminação tão desumano e brutal como a pior discriminação racial ou baseada noutros pressupostos, sejam eles religiosos ou de pureza étnica. Separar os homens em fortes e «sãos» dos débeis e doentes não tem qualificação, tal a profundidade do agravo feito à nossa própria humanidade. Dolorosamente, porém, é isso que sucede muitas vezes, à maneira de Esparta, parecendo até uma coisa muito natural e justa, nos planos individual, familiar e colectivo.

Para um cristão consciente há que seguir, neste como noutros campos, o exemplo do Mestre. A Igreja, depositária da Verdade, compete, como se diz na Nota Pastoral dos Bispos Portugueses, «por exigência profética, a denúncia da injustiça e da opressão, a par da proclamação da justiça, o testemunho do amor e do serviço». Assim tem sido junto dos leprosos, dos deficientes mentais, dos mongolóides, das crianças estropiadas, como noutros casos. Lembrar S. João de Deus, por exemplo, não será descabido, porque evange-



*Não basta tratar os Deficientes como pessoas. É indispensável ajudá-los a suportar suas carências ou limitações e a aproveitar as suas potencialidades espirituais e sociais.*

lizar é «anunciar a Boa-Nova aos Pobres, a libertação aos Oprimidos e a alegria aos que sofrem» (Lc. IV, 18). Saibamos ser dignos do nome de cristãos, assumindo as nossas responsabilidades.

● Passou no dia 8 de Setembro o «Dia Internacional da Alfabetização», instituído em 1966 pela Unesco, de modo a promover o combate ao analfabetismo.

Cont. na 4.ª página

## NOTA DA QUINZENA

Um homem rico comprou uma propriedade com casas, latadas, pomares, muros e portões. Escondida, discreta e encostada a um muro — uma família pobre tinha construído a sua casa, pequena e modesta, com licença do antigo dono. Sem ficha nem lei, a casa passou para a Lei e ficha do novo dono. A família não coube na ficha e ficou suspensa no lugar e no tempo.

Agora o novo dono não pensa nas suas terras, casas e pomares. Só um pensamento — que é obsessão: tomar posse real da casinha do muro. Tem a impressão de nada possuir enquanto a família viver na casa!

David provocou a morte de Urias para lhe tomar a esposa. Ele tinha um reino e muitas mulheres. Deus enviou-lhe o profeta Natan que lhe falou assim: «Um homem rico tinha muitas ovelhas e bois. Um Pobre, seu vizinho, tinha só uma ovelha pequenina, que comprara. Ele a criava com carinho e a tratava como filha.

Certo dia o rico teve uma visita, e, não querendo matar de suas ovelhas e bois, apodejou-se da ovelhinha do Pobre e matou-a para oferecer a seu hóspede.»

Esqueceu suas ovelhas e bois para pensar na ovelhinha do Pobre!

É triste possuir muitas coisas. O coração fica pequenino, cego e sem alegria. Cercado por teia de arame. Tão difícil libertar-se! Como o jovem do Evangelho... Não teve coragem e continuou preso e triste.

Dai-nos, Senhor, um coração liberto! Sem os muros que dividem as courelas! Sem courelas que dividam os homens! Sem portões que fecham o horizonte! Com asas de gaiivota — para voar mesmo!

Assim, quando o nosso coração se desprender e voar (sangrando embora) — conquistaremos a verdadeira alegria. E os da nossa rua ou paróquia terão pão e casa.

Hoje mesmo apareceu a mãe da «casinha do muro», verdadeira e triste! Deixou-me o seu problema. Aqui o tens, também.

Padre Telmo

## PARTILHANDO

Os vendedores de O GAIATO têm, no fim dos turnos de praia, uma semana de folga à beira-mar — pelos dias em que são chamados a cumprir a obrigação da venda durante o seu tempo de férias. Cada turno tem um chefe — um irmão mais velho — responsável pela vida da Casa: 30 rapazes em férias. Ele manda, ele obedece, ele ri, ele chora, ele brinca, ele castiga, ele está, ele é... Tudo isto por um serviço aceite comunitariamente.

Neste caso é o «Nera», chefe do Lar do Porto e dos vendedores de O GAIATO. Por ele, e mais ninguém, soube de um

incidente simples — com tristes consequências — passado entre ele, um rapaz nosso e um outro, brasileiro, a passar uns dias em nossa Casa. «Nera» teve necessidade de castigar o nosso rapaz. Havia justiça desfeita na ordem das coisas de cada um. E havia que fazer justiça. Tudo simples, como numa casa de família. Ora isto é que o brasileiro ainda não tinha compreendido: uma Casa de família! E protestou assim: — «Com que autoridade castigas o rapaz!?!» Resposta do «Nera»: — «Com a mesma autoridade que te ponho já de nossa Casa p'ra fora! Se um pai castiga

um filho ou o irmão outro irmão — com justiça — quem tem a ver com isso?!»

Soube, depois, que o brasileiro se retirou a chorar... Era um moço educado, amigo de todos; mas não tinha percebido, ainda, que estava a passar férias numa Casa de família, grande. Chorou envergonhado — mas não revoltado! Hoje compreenderá melhor a nossa vida... Tudo bem.

A Família é um grande segredo onde até Deus quis ser feito Homem!

Padre Moura

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● É um dia cinzento e calmo — de Outono. Apesar do sol encoberto — até por isso — mais nos deliciamos com a variedade de tons em copas d'árvores e cepas, em todo o horizonte, da várzea à encosta. Festival policromo! Tentação aliciante para um pintor com garra de artista...!

Nesta peregrinação assídua, a gente tropeça em pedras de veredas; o cão ladra; encharcamos-nos em poças; a água corre, sonora, por taludes e valetas; os pares de namorados, dispersos pelo caminho, sonham e/ou preparam o dia d'amanhã. Torrente de vida — marcada pela Vida!

Outra delícia: ver e rever a moradia em construção, já telhada; e, ao fundo, em pleno quinteiro, a numerosa família reunida em volta da mesa, de madeira tosca, sob a ramada.

Não quebramos o encontro, o cansaço, o paladar do vinho. Procuramos ficar sumidos no meio da massa; e ouvir, ouvir..., aquelas almas cheias, dos avós aos netos — rosto e mãos marcados pelo trabalho.

Depois, sim, trocamos impressões; do trolha ao carpinteiro, do electricista ao canalizador...

A futura ocupante da moradia — chocada pelo dar de mãos — não tem palavras para dizer! Os filhos, sim; já sabem o que os espera: uma casa levantada d'acordo com as normas elementares da decência e salubridade.

É domingo. Daí, a avó parece algo confusa... Esclarecemos. E sossega:

— «Que bom!... Nós temos q'aproveitar os dias, agora tam pequenos...»

Acertamos contas. E como a generosidade dos nossos leitores é tão grande, deve haver já, em nosso poder, o suficiente para os próximos tempos — quiçá para conclusão da obra! Se faltar, entretanto, seja o que for, diremos.

● Foi lavradeira durante toda a vida.

É mulher rude, de mãos calejadas e rosto tisonado do sol.

O homem faleceu; ela houve que deixar a terra, por estar só e porque a saúde, a velhice não permitem continuasse rendeira.

Entrega os campos ao senhorio... E casa para habitar?! Na altura, havia uma delas, vaga, do Património dos Pobres. É a casa do Xai-Xai. Temos-lhe muito amor! Foi Xai-Xai em chamas...! Sim, mais do que a moradia propriamente dita, ela testemunha, com eloquência, um arroubo de espiritualidade de um povo, de uma comunidade inteira — da África oriental — que, na década de 50, fez sua a problemática dos Pobres deste cantinho da Europa. Quanto mais o tempo passa, mais nos sensibiliza a lembrança desta peregrinação em que participámos — mãos dadas a Pai Américo.

Voltando ao caso ventente: A pobre mulher entra na casa do Xai-Xai. Antes de se instalar, faz barreira. Caia. Pinta. Depois, com o andar do tempo, faz outra maravilha do pecúlio da sua reforma: repara a caixilharia! Mais ainda: com muito sacrifício,

consegue valorizar a moradia com instalação eléctrica! Era exactamente aqui que desejávamos chegar: à sua promoção social em liberdade, sem o mínimo de paternalismo.

O sacrifício desta lavradeira analfabeta — em melhoramentos que, pela sua idade, poucos anos beneficiará — é mais uma lâmpada acesa pelo tempo fora. É luz que fará Luz a todos quantos, posteriormente, se instalarem nesta moradia, consequência — já o dissemos — da partilha material e espiritual de um povo que lhe deu o ser: Xai-Xai — em chamas! E mais: a lavradeira, no amor que tem ao seu tecto, está na mesma linha de um Pobre — santo Homem que está no Céu — cujo grito de angústia, em toco barraco, por casa decente, dirigimos a Pai Américo, que reacendeu uma labareda em sua alma — o Património dos Pobres — que fez queimar o País inteiro e, ainda hoje, trinta anos depois, é último reduto dos sem-casa!

● É mãe de muitos filhos. Tem o marido doente, sem forças para trabalhar. E já não recebe subsídio de doença!

Ao menos — que ela mal sabe escrever... — perorámos abono de família.

Hoje, topamos a sacrificada mãe. Quando nos vê, dá um pulo: — «Já responderam! Tenho abono prós meus filhos..., graças a Deus!»

Não sabe que dizer mais! Transborda d'alegria!

Nestes casos específicos..., seria razoável não ter o cidadão de mendigar abonos de família; até na medida em que, no País, há uma elevadíssima taxa de analfabetismo. Por isso, sofrem os Pobres, os Misérraveis — os Analfabetos...

**PARTILHA** — M. H., de Oeiras, 100\$00: «Nada valem, desculpe! É uma migalhinha para a casinha que estão a fazer». Dez vezes mais, de Tortozendo, com a mesma intenção. Idem, de Jovim. Cinco vezes mais de Nova Oeiras. 1.250\$00 dos Carvalhos (Gaia). Alto lá! Agora é um vicentino, muito assíduo, de Lisboa:

«Após um longo intervalo — mais dilatado do que desejaria — sem comunicar convosco, um evento fortuito veio despertar-me da modorra em que jazia, vicentinamente falando. Mas Deus tem os Seus caminhos!»

Sucedeu que estive na iminência de suportar um prejuízo de certa importância, por facto de que não era responsável, mas cuja responsabilidade me prestei a assumir. Deus deve ter falado à consciência do verdadeiro responsável e este veio apresentar-se como tal, ficando eu, portanto, exonerado de culpa que não era minha, na realidade.

Dirigi a Deus as minhas orações de graças, mas afigurou-se que estas ficariam incompletas se não fizesse participar o Irmão necessitado da minha satisfação.

(...) Junto o presente cheque a cuja importância, aliás, poderá dar o destino que entender, pois pode haver fogos exigindo a intervenção rápida do bombeiro...»

Outro cheque do assinante n.º 20, do Porto. Sendo dos primeiros a receber O GAIATO, a sua Amizade — e da Família — está na razão directa dos anos em que nos conhece — e ama a Obra da Rua.

Senhora idosa, de Barcelos, marca presença em corpo inteiro. Divide por vários sectores e faz entrega de três mil escudos para os Pobres. Que seja por muitos anos!

Assinante 6691 depositou algo no Montepio Geral — em Lisboa. Por fim, 5.000\$00 da Conferência Vicentina da paróquia de Carvalhido (Porto) — por intermédio de «A Ordem».

Que partilha!  
Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## URBANICA DO CORVO

**ELEIÇÕES** — Geralmente, todos os anos elas acontecem, sendo em nossa Casa um acto ao qual se confere muita importância. Por isso, antes se deu a conhecer a lista daqueles que, pela idade e pela sua capacidade, poderiam vir a ser escolhidos; assim como somos alertados para a importância do acto, pois dele depende o bom andamento da nossa comunidade. Terá que ser uma coisa séria, onde não haja propaganda eleitoral; mas sim que cada um, independentemente de tudo o resto, tome consciência daquele que, para ele, poderá ser o mais indicado para a missão de chefia. Missão essa que exige do escolhido um certo esforço de doação aos outros e de renúncia às suas aspirações pessoais.

Assim, no passado domingo, de manhã, depois da Missa, onde se pediu a ajuda espiritual para o acto que se iria realizar, deslocámo-nos ao nosso bar, que já havia sido disposto para o efeito. Da lista apresentada, o Tonito foi reeleito chefe-maioral, seguindo-se a escolha do Zézito como 1.º sub-chefe e o «Chola» como 2.º sub-chefe.

Com certeza que serão os mais indicados; cabe-nos, agora, ajudá-los

o melhor possível a desempenhar a sua missão.

**AGRICULTURA** — A vindima foi, sem dúvida, o grande acontecimento que ultimamente se verificou neste campo. É sempre um trabalho que é feito na maior alegria. Nos dias que a antecedem já se nota um certo movimento com vista a que ela decorra da melhor maneira possível. Para isso limpam-se pipas e cubas, a fim de que o vinho não azede e prepara-se todo o material necessário a este trabalho. No próprio dia, todos tratam de arranjar algo que corte, para assim poderem vindimar para os cestos e não só; os estômagos, por vezes, parece que querem competir com os cestos!...

Como este ano os cachos eram poucos, não chegámos a guardar uvas de mesa. Foi tudo para esmagar e, como resultado, obtivemos cerca de 2.000 litros distribuídos por três qualidades: branco, tinto e morangueiro.

Quanto ao resto dos trabalhos agrícolas, e como já caiu alguma chuva, os nossos campos encontram-se todos amanhados. São nabos na «terra do Ti Jaime», erva lameira no «poço novo» e «terra nova», couves na terra por detrás das oficinas e do campo de futebol. Mas não é só semear ou plantar; também se colhe. Assim, os muros do nosso campo encontram-se cobertos de abóboras; os feijoeiros — embora poucos ainda — dão algum feijão; e os tomates, já um pouco fora de época, dão alguns tomates, que o «Camudo» para ver se já estão maduros, tem que apalpar em vez de olhar para a sua cor. É um cozinheiro esperto!

Mais adiante, o Guido tem, ainda, uma palavra a dizer sobre agricultura.

Joãozinho

As espigas saíram dos milheirais no tractor grande e pequeno, para o lugar habitual. Os rapazes juntaram-se ao toque da sineta e muitos pergun-

tavam para que era. — «Embora; é para ir descamisar...» Toda a malta se juntou em volta do grande monte de espigas e começou o trabalho. Os caixotes e cestos enchiam-se de espigas já sem capa e o Gilberto e Albertino acarretavam delas para a eira que, depois, seriam estendidas ao sol a fim de secar. O chefe dos trabalhos olhava por aqueles que, ainda na terra, tiravam espigas dos milheirais, até ficar escuro. Mas, no lugar onde a rapaziada trabalhava, houve música.

Todos estavam lá; até o Patrício, de 3 anos, pegava nas espigas e tentava descobrir qual o segredo! Ficamos até à noite; depois fomos comer. E, em seguida, caminhámos para o mesmo lugar, até às dez e trinta, pois o frio já apertava. Mas foi tudo normal, com algumas espigas a zunir de um lado para outro e gargalhadas perdidas. Era uma brincadeira dentro do trabalho. Alguns viam se havia bichinhos para os costelos; outros jogavam a pares ao grão preto; se algum encontrasse uma espiga com grão preto, lá estaria o outro companheiro do jogo a apanhar toques na cabeça.

Todos os anos é assim. A chuva caminha passo a passo durante os dias. Já podemos respirar um pouco e dizer: — Até que em fim! Obrigado Outono.

Ao falar da chuva lembro-me das uvas que estavam a apodrecer. Mas, num dia bom, fizemos a vindima. A chuva tem-nos feito andar daqui para lá e de lá para cá. Porque, sempre que possamos, aproveitamos as aberturas de sol para estender as espigas, mas a chuva vem sempre molhar o ambiente! Já estamos a agarrar nos caixotes e a recolhê-las. Vem sol, estamos a agarrar nos caixotes e a estender as espigas e assim andamos no estende e recolhe.

Os figos, agora, também já fazem parte do nosso regalo, na sobremesa e à merenda.

Guido

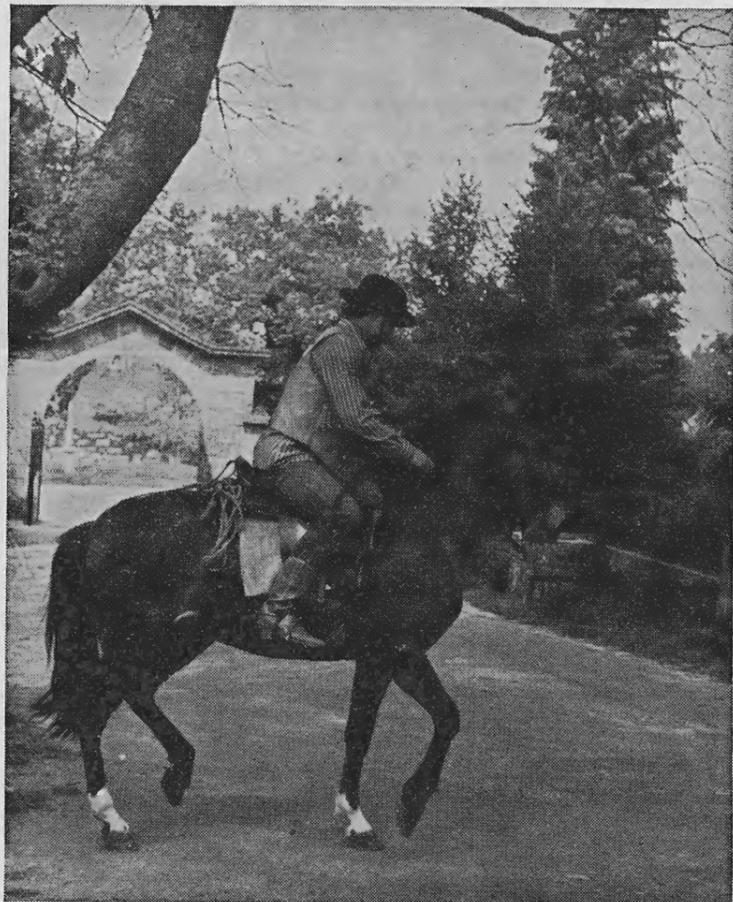


«Caneco» gosta da arte de cavalgar. E tem quê: a nossa égua.

Nos tempos livres são um espectáculo, na avenida da nossa Aldeia — em Paço de Sousa — ou pelos caminhos da região...

Chapéu d'aba larga, colete, rédeas na mão, bem assente na sela, esporas em botas de cano alto, pés nos estribos, etc, o «Caneco» — que foi Lixo das ruas — parece um fidalgo!

Na realidade, aprecia tanto, tanto a sua égua que fez pressão para ser vista e admirada pelos nossos leitores. Aqui está; melhor, aqui estão ele e ela — tão ufanos!



## Lar de Coimbra

**NOVO ANO LECTIVO** — Como é de sempre, todos os anos acaba e recomeça o tempo lectivo, com o qual os estudantes, do mais novo ao mais velho, se reúnem continuamente para a sua formação intelectual — um bem para a Pátria e para o mundo.

Que assim seja...

Por isso, não vou deixar de falar do nosso recomeço. Mais sete caras novas fizeram a subida à escala do Ensino Preparatório para continuarem na escala liceal. Chegaram todos bem dispostos, com os olhos bem abertos, à cata de qualquer novidade. É tal a curiosidade pelo ensino que, o Carlos Manuel (angolano), um dos sete, já andava nas férias grandes a interessar-se pelo seu programa:

— Eh pá! como se conta até dez em inglês?...

— Eh pá! e o meu nome?...

— Olha! como se diz bom-dia?...

Assim todo baboso, por lhe ensinarem, saltitava e sorria para os colegas, tentando dizer que já sabia isto ou aquilo!

Portanto, como já referi na última crónica, aqui, no Lar de Coimbra, somos 24 estudantes. Frequentamos as aulas na Cooperativa de Ensino de Coimbra, excepto o Lita que, há semanas, acabou o serviço militar e, agora, agarra-se com unhas e dentes a acabar o Curso de Engenharia Electrotécnica. Mas, como é um bocadinho ambicioso, foi trabalhar em *part-time*, a fim de juntar a prática à teoria; e breve acabará o seu sonho.

A Cooperativa de Ensino de Coimbra todos os anos nos abre as portas com amizade, sempre prontos a dar lugar a mais um que foi da rua. Pois bem, desde que o Pedro Nunes foi fundido na Cooperativa somos sempre bem recebidos ali. A senhora doutora Julieta de Carvalho foi sempre nossa amiga (podendo dizer irmã, mãe instrutora); abriu-nos sempre o seu coração bondoso, as portas da sua casa de trabalho, o seu sorriso — lutando pelo necessitado que procura uma instrutora na vida. Sempre quis conviver com os gaiatos, vendo neles a alegria de serem homens e terem direito de viver na sociedade. Neste momento, e nos momentos de estudo, posso agradecer a Deus Pai todo poderoso por esta grande Amiga, que beijou os gaiatos no coração.

**CHEFE** — Aqui, no Lar, houve a escolha do responsável, do chefe que servirá a Família; e, assim, coube ao Carlitos, que frequenta o décimo ano unificado em Ciências. Veio com dois anos para nossa Casa e, agora, é um dos mais velhos e o mais indicado — pois está mais integrado em nossa Família. Que sirva, no bem, o rapaz estudante.

Não só aqui em Casa, mas no mundo inteiro, que os chefes escolhidos sejam leais, que sirvam a Pátria e ajudem outras pátrias.

Guido

## Paço de Sousa

**NOVO ANO LECTIVO** — De há uns anos para cá, o ano escolar nunca começa a 100%. São professores sem colocação, escolas cujas obras não terminaram a tempo, sendo o aluno prejudicado; ele, que paga

propinas, livros caríssimos e vê-se aflito para entrar na Universidade! Em nossa Casa, felizmente, a Primária já funciona em pleno. A Telescóla, também, e como todos os anos, sem problemas.

No Ensino Secundário as deficiências são grandes; a falta de professores é notória. Muitos há que começam a leccionar sem conhecimento do programa!...

No Lar, alguns rapazes começaram a sua preparação. Condições óptimas de instalação; proximidade do Liceu; bom aproveitamento é o que se espera...

A Escola Secundária de Penafiel é local de estudo para os nossos rapazes trabalhadores-estudantes. Que tudo corra pelo melhor, como, aliás, tem corrido todos os anos.

### O TRABALHADOR-ESTUDANTE

— Ele possuía um estatuto que quase o bloqueava em matéria de formação superior: horários apertados, pouco tempo para estudar, exigindo uma grande força de vontade.

Com a recente Lei 26/81 de 21 de Agosto, aufero o trabalhador-estudante novas regalias no campo profissional: as entidades patronais devem, a partir de agora, elaborar horários de trabalho com vista a dar-lhe possibilidades de chegar ao estabelecimento de ensino *a horas*. Não sendo possível a aplicação de horários, o trabalhador-estudante é dispensado algumas horas de trabalho, por semana, sem perda de vencimento.

Na época de exames, tem direito a dois dias sem perda de vencimento, por cada disciplina; um, no dia da prova; outro, no dia anterior.

Foi feita Justiça. Esperamos que seja cumprida.

**VINDIMAS** — Nos quase 20 dias em que se procedeu à vindima, pouco ou nada aconteceu de anormal. A mão-de-obra — infelizmente — era escassa, tendo-se chegado a recrutar quase toda a comunidade. O tempo ajudou. No total, mais de 50 pipas de vinho, branco e tinto.

O ano passado a colheita foi má, obrigando-nos a ficar alguns meses sem vinho às refeições!

## FANTASIA COLORIDA

Imagina-te...

Montado num cavalo a galope!

A viajar de comboio!

Numa festa rodeada d'amigos!

Tão puro como Jesus Cristo!

Se não tens dinheiro

Para reais passeios

Sê feliz em sonhos...

Imagina-te...

Em pleno voo d'avião!

Numa orquestra a tocar violão!

Debaixo d'água num submarino!

Hipnotizado pelo belo romantismo!

Se não tens dinheiro

Para reais passeios

Sê feliz em sonhos...

Imagina-te...

A viajar sobre as águas do mar!

No céu azul a voar!

No Algarve em férias!

No paraíso terrestre!

Se não tens dinheiro

Para reais passeios

Sê feliz em sonhos...

Manuel Amândio

**RETIRO** — De vez em quando as pessoas têm necessidade de se ausentar do lugar que habitualmente ocupam, e procurar o silêncio — indispensável a uma análise consciente de suas vidas e do mundo que as rodeia.

Assim aconteceu, há três semanas, com um grupo de 18 rapazes, que, durante dois dias, esteve na Casa de Retiros de S. José — Lamego, orientados pelo sr. P.e Marílio, pároco duma freguesia do concelho de Penafiel.

Os temas escolhidos foram: o problema de Deus e o da Personalidade.

Quanto ao primeiro, ficámos elucidados sobre várias questões; mas, por outro lado, outras se levantaram que somente a Fé de cada um poderá responder a elas.

Actualmente, o materialismo, o edonismo e o consumismo são pedras fundamentais de que o Homem põe e dispõe...

Porque não trocamos o *ter* pelo *ser*?!

A maneira de pensar de cada um, em relação a si e aos outros, foi tópicos para uma análise da Personalidade, sujeita às mais variadas influências, sendo a principal, o ambiente; tanto podemos assimilá-lo e aproveitar o melhor dele, como perdermo-nos, não conseguindo distinguir entre o Bem e o Mal — forças antagónicas que sacodem o Homem dia após dia.

O tempo foi insuficiente para meditar a complexidade dos temas; mesmo assim, valeu a pena!

A alegria e a disponibilidade andaram lado a lado.

Um especial obrigado a P.e Marílio e às Irmãs da Casa de S. José Prometemos voltar.

**PEDIDO** — Numa Casa que prima pela ânsia de viver, a saúde é fundamental. No que respeita à tensão arterial, a deficiência é grande. Sampaio, nosso enfermeiro-dentista, em «part-time», necessita de um estetoscópio...

Para que a frase «só damos valor à saúde quando estamos doentes!» seja falsa, haverá, por aí, algum Amigo que nos possa valer?

Ficamos à espera. E agradecemos, antecipadamente.

Morgado

## Retalhos de Vida

# O Rui



Sou natural de Tondela, onde nasci a 6 de Fevereiro de 1963.

Vila do interior do País, onde as dificuldades rondam a vida de cada um.

Minha mãe teve-me aos 33 anos de idade.

Quando eu nasci toda a minha família gostava de mim, todos me queriam como filho.

Vivi dois anos em Tondela. A seguir, meu pai entendeu que nós viéssemos para Vila Nova de Gaia.

Antes de fazermos a mudança, meu pai já andava muito mal. Quando veio, passados alguns dias, faleceu. Algum tempo depois de morrer, tudo bem. Mas, entretanto, quebrou-se o galho; e daí tudo continuou pior.

Minha mãe começou por se juntar a outro homem, pois já pouco gostava dos filhos; e aí começou o desmazelo.

Chegou a atirar-me da altura dela para cima da cama, tinha eu dois anos. Por aí já se pode ver como era a **bondade** que ela tinha para os filhos; e não conto mais, porque acho que dá para os leitores entenderem...

Depois de acontecerem tais coisas, minha avó, através do meu irmão mais velho, veio a saber todo o mal.

Quando minha avó soube, quis levar-me para sua casa, onde vivia com os meus tios. Era uma pessoa simpática.

Minha avó tratava-me muito bem, e com ela vivi dos dois até aos seis anos de idade.

Depois de fazer os cinco anos, comecei a ser um rapaz que só queria brincadeira; por isso só aparecia lá em casa a tais horas da tarde e da noite...

E chegou a hora de ir para uma grande Obra — a Casa do Gaiato. Através de conhecimentos e comunicações cá vim parar. E assim cá estou, com 12 anos de casa, onde consegui fazer a Instrução Primária e o Ciclo Preparatório. Depois disso não continuei mais, não sei porquê!

Então fui trabalhar para as nossas oficinas no Lar do Gaiato, em Setúbal, como tipógrafo-impressor. E, além dessa profissão, sei fazer um pouco de tudo, como por exemplo: Cozinhar, cozer pão, tratar dos animais, limpezas, etc.

Pronto, amigos leitores, muito mais coisas tinha para contar, mas acho que já chega, já contei um pouco da minha vida.

Despeço-me de todos com um grande abraço, deste amigo que se chama:

Rui Alberto da Silva Magalhães Peixoto

## Novos Assinantes de «O GAIATO»

Mais Assinantes de O GAIATO! Recebemo-los todos os dias por carta, postal — e, até, via telefónica!

Que **procição** aí vai, santo Deus!

Voltamos a sublinhar quantos se nos dirigem pelo seu pé. E são muitos. Não deixa, porém, de ter profundo significado a presença de tantos, tantos! — motivados por legião de apaixonados, que acorrem pressurosos; e O GAIATO, a escaldar, vai parar a suas mãos sem perda de tempo.

Lisboa:

«Acabo, mais uma vez, de comprar O GAIATO, o qual muito aprecio devido ao seu conteúdo...»

Pretendo, deste modo, tornar-me assinante do Jornal, com 150\$00 por ano, que pagarei oportunamente...»

S. Romão:

«(...) Dizia, há dias, o Bispo da Guarda que evangelizar é dar testemunho duma vida po-

bre; é ajudar o Pobre, o mais pobre e indefeso, etc.

Os vossos livros, o vosso Jornal deram-me mais fé e agora sei que há outras coisas que valem mais do que o dinheiro...

Envio este cheque de uma amiga de quem envio o nome para ser assinante de O GAIATO.

E que só o Pál do Céu saiba destas nossas migalhinhas!

Leiria:

«Ficar-lhe-ia muito grata me considerasse assinante de O GAIATO, remetendo-o oportunamente para a morada indicada, através dos CTT.

Quanto ao respectivo pagamento, terei o cuidado de, periodicamente, vos remeter a respectiva importância...»

Alto lá! É digno de nota o cuidado expresso por esta Amiga. E já são, cada vez mais, os que se violentam no cumprimento da obrigação a que se propuseram com toda a liberdade.

Finalmente, breve síntese do movimento; não sem acrescentar que, de algumas localidades, chegaram a nossas mãos listas peçadas de novos Assinantes:

Setúbal, Espinho, Aveiro, Valongo, Montemor-o-Novo, Estoril, Aradas (Aveiro), Favaio, Areosa do Sul (Estarreja), Queluz, Entroncamento, Cête, Rio Tinto, Leça da Palmeira, Gueifães (Maia), Azurém (Guimarães), Fundão, Alcobaça, S. Mamede de Infesta, Fafe, Marco de Canaveses, Arrabal (Leiria), Lordemão (Coimbra), Vieira de Leiria, Viseu, Fânzeres, S. Romão (Seia), S. Pedro da Cova, Granja, Ericeira, Almada, Paços de Ferreira, Odivelas, Campo Maior, Senhora da Hora, Travanca (Vila da Feira), Porto e Lisboa uma grande coluna de gente, S. Paulo (Brasil), Krefelder (Alemanha Federal) e Bobigny (França).

Júlio Mendes

# Imagens do quotidiano

● «Há dois anos que ando a pedir uma casa à Câmara e, até agora, só me mandaram esperar» — afirma, a um vesperino, «uma mãe que é obrigada a morar com a família — cinco filhos e o marido — num curral, mesmo às portas da cidade» de Aveiro.

Há tempos, de passagem, trocámos breves impressões sobre a problemática social com o motivador desta reportagem; um bom amigo que, na hora própria, como profissional da Imprensa, refere as prementes necessidades da região — e dos Pobres e Indigentes.

A notícia safu a quatro colunas, ilustrada com a gravura da pobre mãe e cinco filhos, contando o drama — corolário de migrações internas:

«Num dos «quartos» do antigo casebre dormem quatro filhos e, no outro compartimento, fica o casal e uma criança de três anos, que é doente. Tal como acontece em muitos outros casos, estas sete pessoas «vivem» apenas do salário do homem — 11 contos — porque a mulher tem de ficar a cuidar do filho doente. — O meu menino é muito doente, não o posso deixar só». Residiam «na casa dos pais, mas, como moravam muito apertados, o marido pediu à madrastra que os deixasse «viver» no curral, pelo qual pagam 800\$00 por mês».

Oportuno comentário do jornalista-recoveiro dos Pobres: «Agora fala-se em demolições para fazer nascer a cidade-satélite de Aveiro, polo de atracção das populações rurais em busca de melhores condições de vida. Para onde irão morar esta e outras famílias? O problema da Habitação constitui, pois, um grande desafio aos autarcas locais, que terão de resolver, urgentemente, a situação.»

Amigo Daniel: nunca as mãos lhe doam! E Deus permita os aveirenses encontrem já uma casa ou sóbrio andar, económicos — para a resolução deste caso grave. Assim motivados, os responsáveis encarem, seriamente, a problemática da Habitação dos Pobres e Indigentes, que «terão de resolver urgentemente» — pela habitação social, pela Auto-construção.

● O primeiro «Dia Mundial da Alimentação» — patrocinado pela FAO (Organização da ONU para a Alimentação e Agricultura) — foi comemorado a 16 de Outubro, para sensibilização de todos os países e comunidades locais, em relação à fome (e fartura) de bens alimentares em vários quadrantes do globo.

Edouard Saouma — responsável da FAO — apelou junto da opinião pública mundial para que tome «consciência dos esforços a desenvolver para acabar com o escândalo da fome», pois até ao ano 2.000 cerca de mil milhões de pessoas — um quarto da população do globo! — sofrerão, terrivelmente, as consequências da subnutrição, da miséria, se não for

rapidamente aprovado e aplicado um programa alimentar a nível mundial.

Saouma acentua, no entanto, que «a fome e a subnutrição impedem qualquer política de dar os seus frutos» e «geram a instabilidade e reduzem as possibilidades de manutenção da paz no Mundo». Por isso, insiste na «necessidade de revalorizar o papel dos agricultores e do conjunto das populações rurais — infelizmente mantidas afastadas do progresso»...

Em nosso País, o «Dia Mundial da Alimentação» foi debatido sob vários ângulos. E parece que os Esfomeados já quase não existem! Por não terem voz? De maneira geral foi dado justificado relevo ao sobreconsumo e suas deletérias consequências.

Entre os casos concretos que a gente topa, e recolhidos também por Imprensa respon-

sável, sublinhamos a opinião de um mercador: — «O povo não tem poder de compra. Está tudo tão caro! Em vez de um quilo disto ou daquilo, compram-nos meio quilo...» E de uma consumidora: — «Fartamo-nos de trabalhar, chegamos a casa e não podemos comer carne nem peixe! Sou Viúva e não sei como alimentar os meus três filhos...»

Imagens do quotidiano! Sobretudo em camadas da população mais carenciadas — Reformados, Viúvas... — por exemplo — o diagnóstico da situação revela subdesenvolvimento, pobreza e/ou miséria, subnutrição! Na realidade — segundo os especialistas — «a alimentação continua a ser a principal despesa da maioria dos agregados familiares» de Portugal: em 1976 representava 46%, desceu até 1979, mas voltou a subir a partir de 1980.

Júlio Mendes

## O NOSSO JORNAL

□ «Há já vários anos que sou assinante de O GAIATO, sempre lido com o maior interesse, pela humanidade, carinho e amor demonstrados, e não só, pelos Pobres.

Apesar disso, creio, nunca mandei um tostão; e penitencio-me disso, pois não tenho uma vida muito apertada e o que O GAIATO me tem dado em momentos de interioridade e emoção verdadeiras, não há dinheiro que o pague! Agora vi uma nota — «O nosso Jornal» — sobre os preços e, desta vez, demovi a minha inércia.

Aqui vão uns escudos. Ponham na minha conta, pois também já recebi livros. Não sei como fica, mas prometo começar a enviar, volta e meia, sem destino certo, que V. sabem melhor que os de fora, aonde há que acudir.

Por agora, mais nada. O que não digo, nem sei exprimir, sentem-no V.

Com todo o carinho e amizade e desejando-vos felicidades,

Assinante 32690.»

□ «A quando da visita de V. inscrevi-me como assinante de O GAIATO.

Fiquei, no entanto, sem saber quanto deveria pagar pela assinatura ou quando o deveria fazer!

Entretanto, deparei com a fórmula da conta no número de 24 de Janeiro último: «Cada Jornal 5\$00; 26 Jornais por ano...»

Como entendi que a conta era um pouco complicada, resolvi a operação do seguinte modo: 5\$00 por cada jornal, mais 5\$00 de «generosidade» por cada um são 10\$00; assim basta acrescentar a 26 três zeros, que dão 260\$00. Tudo fácil como vêem!

Fico com cópia desta carta para, daqui a um ano, se Deus me der vida e saúde, poder fazer novas contas que, por certo, terão de ser outras — devido à inflação.

Assinante 7137»

□ «Vestido de galas festivas, ou trajando vestes modestas do enxoval caseiro, O GAIATO é sempre portador da Caridade e do Amor.

A inspiração de Pai Américo foi sempre a vontade de Deus. A vontade do Senhor continua a ser a inspiração de todos os que continuam a Obra da Rua. O Amor e a Caridade são os alicerces firmes da Obra.

O GAIATO nasceu para nos dizer o que é a Obra da Rua. Nasceu para ser dos Rapazes e pelos Rapazes; mas, hoje, é também de todos nós — que temos fome de Amor, de Justiça e de Caridade.

Parece que alguém já o disse: — «O GAIATO é a bíblia do Pobre».

Assinante 8120»

# Agora

A tantas famílias em dificuldade que estão a construir a sua casa, e nos são indicadas pelo seu pároco, estamos a dar uma ajuda para a cobertura! «Cada freguesia cuide dos seus Pobres». Chegou o tempo de pregar a necessidade de uma assistência de irmão para irmão, por freguesia.»

Como tudo seria tão simples, bom e belo!

A nossa **procissão** é espelho dessa simplicidade e beleza! Vê bem.

Ela vai passar:

«Eu que tenho uma casa sem paz, do fundo do meu desalento, ofereço as migalhas que puder juntar daqui para o futuro para que alguém tenha uma casa de paz.» O facto de ir à frente da nossa **procissão** é já um anúncio de paz. A seguir, os funcionários da Caixa Têxtil com um estandarte em cada mês. De uma «mãe que crê em Deus», 1.000\$00 relativos ao 2.º semestre. Electricidade de Portugal com 472\$00. Mafalda com 10.000\$00, Senhora que faz parte da família: dez mil — para ajuda dos mais aflitos na Auto-construção. Mais mil para uma telha. «Esta é a 2.ª contribuição que envio para ajuda da construção de uma casa do Património dos Pobres — casa da Paz». Uma mãe com mil para a casa duma Mãe. Agora, os nossos irmãos da segunda Igreja Baptista de Lisboa com cinco mil — «pequena oferta de amor desta Igreja para ajudar os Auto-construtores». Lindo! Mais um irmão com mil, no Espelho da Moda, «para o Património». Idem, 500\$00. Idem, 1.000\$00. 7.150\$00 no Busto de Pai Américo no Teatro Sá da Bandeira. Entregue no Lar do Porto — trinta mil — Casa Nosso Senhor Jesus Cristo. S. Resende com mil e outros mil. «Para ajudar alguém a viver mais feliz envio este cheque de 5.000\$00 para entregarem a um Auto-construtor.» Um Bracarense — feliz por ver na **procissão** mais três Bracarenses — quatro mil e: «Palavras cheias de amor pelos Irmãos mais pobres, valem mais do que o dinheiro. Como o mundo seria diferente se todos nos amássemos uns aos outros!» Um amigo da Obra com cinco mil — «que agradeço destinem à Auto-Construção sem que o meu nome seja indicado». E a fechar esta nossa **procissão**: «Eram trinta moedas (de ouro) agora são trinta contos... E resolvi, não

sem alguma luta, atirá-las para af, não num gesto de desespero como Judas, mas de arrependimento pela parte que me toca em tantas vidas inocentes, ceifadas pela fome e pelo abandono».

Padre Telmo

## Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

Sendo o nosso País um daqueles, na Europa, onde a taxa de analfabetos é mais elevada (cerca de 20%), importa relembrar a efeméride e acentuar a sua importância, com consequências trágicas para a promoção do nível de vida das populações e para o recto uso da liberdade de que todos devemos usufruir e a que temos necessidade de aspirar.

No concelho de Loures, onde está esta Casa do Gaiato, a quantidade de analfabetos, sobretudo a partir dos 40 anos, é elevadíssima. Temo-lo visto e sentido nos nossos contactos. Tal facto produz efeitos deletérios em todos os sentidos, nomeadamente para uma participação activa e esclarecida na vida política, social e económica. O mesmo acontece em outras zonas do País, como todos sabemos, o que justifica o atraso geral, por demais conhecido.

Para vencer esta situação de subdesenvolvimento não basta, porém, aprender a ler, a escrever e a contar. «Analfabetos funcionais» há-os aos montes, o que mais torna evidente a situação de carência em que grandes franjas da população se situa. Importa que sejam tomadas medidas de fundo para a promoção cívica e cultural da população portuguesa, não bastando a passagem de meros diplomas que, por si só, nada significam ou representam. Queira Deus, pois, que a Lei 3/79, aprovada por unanimidade na Assembleia da República, não seja mero formulário de intenções, antes se torne num dinâmico e operante instrumento de libertação da escravatura, da ignorância e da miséria cultural.

Padre Luiz



**Gaiato**

Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa